Artigo original Recebido em: 25/03/2019 Parecer emitido em: 02/05/2019

ARAÚJO, E. de A.M.; MELO, R.Z. de; RIZZO, D.T. de S.; A autoexclusão de alunos durante as aulas de educação física do 9º ano em duas escolas da rede municipal de ensino do município de Corumbá/MS. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.18, n.02, p.7-14, 2019. ISSN; 1981-4313.

A AUTOEXCLUSÃO DE ALUNOS DURANTE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO 9º ANO EM DUAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE CORUMBÁ/MS

Eveline de Assis Melo Araújo
Rogério Zaim de Melo
Deyvid Tenner de Souza Rizzo
Grupo de Estudos em Cultura Lúdica, Circo e Educação Física – CLUCIEF
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus Pantanal

RESUMO

A autoexclusão ainda é um tema de pouca produção científica em comparação à outras temáticas voltadas à Educação Física Escolar. No entanto, observou-se durante o Estágio Supervisionado Obrigatório, na atuação do professor de Educação Física escolar, que alguns alunos não participam das aulas. Este artigo tem o objetivo de analisar os motivos que ocasionam a não participação de alunos do 9º ano do ensino fundamental durante as aulas de Educação Física, bem como descrever e interpretar as ações dos sujeitos nesses momentos enquanto não executam as atividades propostas e refletir alternativas para minimizar tal fato. A metodologia empregada é de natureza qualitativa e a amostra de sujeitos foi composta por 71 alunos de duas escolas do 9º ano do ensino fundamental II, sendo, 34 do sexo feminino e 37 do masculino do município de Corumbá/MS. A escolha das escolas foi por conveniência. O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário com 12 questões abertas. Os dados foram analisados utilizando a técnica de análise de conteúdo. Os resultados deste estudo demonstraram: que a falta de diversidade dos conteúdos nas aulas é um dos principais fatores da autoexclusão; e que os alunos se ancoram em desculpas relacionadas a problemas de saúde para não participar da aula. As aulas de Educação Física se transformam em tempo ocioso ou de lazer com o uso ilimitado do telefone celular.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Autoexclusão. Conteúdo.

THE SELF-EXCLUSION OF STUDENTS DURING THE PHYSICAL EDUCATION CLASSES - IN THE 9TH YEAR IN TWO PUBLICS SCHOOLS OF CORUMBÁ CITY, MS

ABSTRACT

Self-exclusion is still a subject of little scientific production in comparison to other themes related to Physical School Education. However, it was observed during the Supervised Internship, in the performance of the school Physical Education teacher, which some students do not participate in classes. This article has the objective of analyzing the reasons that do not involve 9th grade elementary students during Physical Education classes, as well as describing and interpreting the subjects' actions at these moments while not performing the proposed activities and reflecting alternatives to minimize this fact. The methodology used is qualitative and the sample of subjects was composed of 71 students from two schools of the 9th year of primary education II, of which 34 were female and 37 were male in the municipality of Corumbá/MS. The choice of schools was for convenience. The research instrument used was a questionnaire with 12 open questions. Data were analyzed using the content analysis technique. The results of this study demonstrated: the lack of diversity of the contents in the classes is one of the main factors of the self-exclusion; and that the students anchor themselves in excuses related to health problems for not doing the Physical Education class. The classes of Physical Education are transformed in idle or leisure time with the unlimited use of the cell phone.

Keywords: Physical Education. Self-exclusion. Content.

INTRODUÇÃO

Para alguns alunos, a aula de Educação Física Escolar é bastante prazerosa, enquanto para outros torna-se uma prática desestimulante e tediosa a ponto de não desejarem participar da mesma. Fazem parte desse grupo os alunos que não possuem uma boa coordenação motora, os que estão fora de peso, os mais lentos e "desajeitados" que parecem estar fora dos padrões de beleza ou desempenho atlético esperado por professores dessa área. Segundo Darido (2004, p.61) "muitos alunos acabam não encontrando prazer e conhecimento nas aulas de Educação Física e se afastam da prática na idade adulta".

Quando o aluno não manifesta interesse em participar da atividade proposta nas aulas, há necessidade de um olhar aprofundado sobre tal fenômeno, principalmente quando nas aulas de Educação Física são priorizadas as práticas esportivistas (a pedagogia do pé/bola, mão/bola), dando ênfase principalmente as habilidades técnicas. Os professores deveriam proporcionar em suas atividades ações que estimulassem a socialização entre os alunos, proporcionassem o desenvolvimento motor, com experiências realizadas em grupos e com caráter criativo/espontâneo. Em grande parte das aulas de Educação Física nas escolas brasileiras isso não acontece, uma vez que a utilização do esporte é a prática predominante nas aulas (SILVA; SAMPAIO, 2012; PAULA; BAPTISTA, 2016; SEDORKO; FINCK, 2017).

Quando a aula tem como base o conteúdo esportivo, a exclusão parece ser enfatizada entre os colegas, como em momentos de escolha dos melhores jogadores para formar times durante as aulas. Alguns alunos acabam por não serem escolhidos ou quando são escolhidos são sempre a última opção de escolha. Tal situação gera a autoexclusão, uma vez que o aluno se percebe incapaz de participar de determinado esporte e, muitas vezes, com receio de passar vergonha, nem tenta participar (FIGUEIREDO, 2008; MOREIRA *et al.*, 2017).

> [...] durante o jogo esportivo os próprios alunos excluíam seus colegas, atitude justificada pelo limitado grau de habilidade de alguns. Ocorria, também, a autoexclusão daquele aluno que não participava, julgando-se incapaz de executar as manobras de determinado esporte. (FIGUEIREDO, 2008 p. 215)

Na ação de autoexcluir-se, é possível entender que há uma demonstração de não pertencimento àquele conhecimento exposto, inclusive com a maneira que está sendo desenvolvido este conhecimento. Ao não fazerem parte da aula, os alunos ficam à margem, assumindo um lugar que eles não gostariam de ocupar. Oliveira e Daolio (2014, p.237) referem-se a estes sujeitos como aqueles que se encontram na "periferia" da quadra.

Nas aulas de Educação Física os alunos vivenciam sua sociabilidade na perspectiva de um tempo e um espaço de livre convivência com o outro. No entanto, a autoexclusão, por não se sentirem capazes de aprender a jogar ou fazer a atividade proposta pode influenciar o aluno(a) a não gostar de práticas corporais, sobretudo as esportivas, que provavelmente não despertará em si o interesse em aprendê-las (PINTO; VAZ, 2009).

Darido (2004, p.62) salienta que "é preciso reconhecer que crianças até determinada fase da adolescência mantém-se razoavelmente ativas. Contudo, nota-se um grande afastamento da atividade física logo após esse período". Quanto à autoexclusão nas aulas de Educação Física Escolar (EFE), os alunos que não participam das aulas práticas, muitas vezes são culpabilizados, sendo considerados maus alunos.

Os maus alunos em Educação Física são:

> [...] os que se excluem das atividades ou que mesmo estando presentes, delas não participam; os que não se relacionam "bem" com os colegas ou com os professores; aqueles que apresentam péssimo desempenho nas atividades ou os que resistem a aprender, pois pensam já saber tudo. (PINTO; VAZ ,2009, p.268).

Durante as aulas de Educação Física tornou-se cultural a cobrança da excelência motora entre os alunos, sendo que os menos habilidosos são descartados da Educação Física em função do conteúdo (esporte, dança, ginástica, etc.) em comparação com aqueles que se destacam na turma (os atletas, bailarinos, entre outros), acarretando a impressão negativa de pessoas na idade adulta ao descreverem suas vivências nas aulas de EFE. Essas pessoas acabam isentando-se da experiência da cultura corporal (DAOLIO, 1996), o que não deveria acontecer uma vez que:

> A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das

> possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BRASIL, 2017, p.211).

Sendo assim é incontestável afirmar que a Educação Física proporciona diversas oportunidades de desenvolvimento de crianças jovens e adultos que experienciam a Educação Básica, disponibilizando um grande arcabouço de vivências no orbe cultural. Tal universo cultural, inclui saberes corporais, experiências estéticas, emotivas e lúdicas, que não se limitam à lógica dos conhecimentos científicos, que usualmente norteiam as práticas de ensino nas escolas (BRASIL, 2017).

Tomar por experiência e considerar as diferentes maneiras de se expressar é também uma das tarefas da Educação Física diante da Educação Básica. Não apenas a vivência, mas a experimentação das práticas corporais, viabiliza ao aluno dar significado de maneira independente em situações que propõe lazer e saúde (BRASIL, 2017).

Este trabalho embasou-se nos escritos de Betti e Zuliani (2002) que consideram a Educação Física como componente curricular na Educação Básica e responsável de inserir e agregar o estudante na cultura corporal de movimento, desenvolvendo-o enquanto cidadão, capacitando-o para transformar, produzir, reproduzir e desfrutar dos jogos, danças, dos esportes, ginásticas, atividades físicas em prol de sua existência. O conceito de cultura corporal de movimento acima citado começa a ser utilizado no Brasil em meados da década de 1980 (SOUZA JUNIOR *et al.*, 2011) e ganha notoriedade na fala do grupo de autores Carmen Lúcia Soares, Celi Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht na obra Metodologia do ensino da Educação Física e pode ser considerada como um ponto de vista para o professor de Educação Física interpor suas aulas. Segundo Soares et al. (1992) os assuntos que fazem parte nas intervenções pedagógicas, apreciando seu valor histórico na Educação Física e suas particularidades regionais, são eles: os jogos, as lutas, a capoeira, os esportes, a dança e as ginásticas.

Ao longo dos anos houveram críticas ao livro, mas o conceito tornou-se consensual nas perspectivas críticas que buscam romper o modelo técnico esportivista que impera na Educação Física, sendo assim, seu uso "não se vincula necessariamente ao 'Coletivo de autores' [..]o conceito de Cultura Corporal é chave para se entender os recentes movimentos de renovação e crítica que a Educação Física brasileira experimentou nas últimas décadas" (EUSSE; ALMEIDA; BRACHT, 2017*).*

A não participação nas aulas de Educação Física vem sendo estudada por Darido (2004), Pinto e Vaz (2009). No entanto, a autoexclusão é um tema ainda pouco explorado na literatura. Sendo assim, este estudo tem como objetivos: a) analisar os motivos que ocasionam a não participação de alunos do 9º ano do ensino fundamental durante as aulas de Educação Física; b) descrever e interpretar as ações dos sujeitos nesses momentos enquanto não executam as atividades propostas e; c) refletir alternativas para minimizar a não participação nas aulas.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para atingir os objetivos da pesquisa, foi realizado um estudo de natureza qualitativa do tipo estudo de caso. Para Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa tem no ambiente natural fontes diretas de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.

> Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela e mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe [...] (FONSECA, 2002, p. 33).

A amostra é composta por 71 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de duas escolas da rede municipal de ensino da cidade de Corumbá-MS, sendo 34 meninas e 37 meninos. A escolha das escolas foi por conveniência. O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário com 12 questões previamente testado com 05 alunos da mesma faixa etária. Foi considerado como critério de inclusão a aceitação de participação no estudo, estar presente durante a aplicação do questionário, e terem autorizada a sua participação, mediante a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por um responsável**.**

Os dados foram analisados com a técnica de análise de conteúdo buscando "compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente e as significações ocultas ou explícitas" (ZAIM-DE-MELO; FERRAZ, 2007, p. 87). Utilizou-se tabelas gerais coletivas para que se possibilitasse o cruzamento das ideias dos alunos dentro de um mesmo tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os quadros a seguir foram organizados nas seguintes categorias: participação (quadros 1 e 2), clima das aulas (quadro 3) e conteúdo (quadro 4).

Os alunos participantes da pesquisa, quando questionados sobre a participação nas aulas, indicaram que em quase todas as aulas alguns alunos não participam, conforme demonstramos nos fragmentos dos questionários a seguir:

Algumas vezes alguns ficam de fora por causa de dor ou outras desculpas (aluno 3 – escola 1)

Alguns participam e outros ficam olhando ou na sala (aluno 6- escola 1)

[..] tem aqueles que ficam sentados com o celular (aluno 1 – escola 2).

Nem todos participam, alguns ficam sentados (aluno 7– escola 2)

Na Escola 1, há um maior número de alunos de fora, como podemos ver no quadro abaixo na Escola 2 há uma maior participação de acordo com a fala dos alunos.

Quadro 1. Participação:

	Escola 1	**Escola 2**
Todos	2	15
Alguns ficam de fora	26	28

Fonte: dados da pesquisa (2019).

Os dados obtidos corroboram com a pesquisa realizada por Darido (2004), desenvolvida com escolares da rede pública de ensino de Rio Claro/SP, na qual observou que os alunos muitas vezes se reconhecem não participantes das aulas de Educação Física. Na pesquisa citada, observou-se que com a progressão das séries, há um crescimento em torno da não participação das aulas, chegando ao Ensino Fundamental 23,9% assumirem que às vezes participam e 19% nunca participam das aulas. No quadro 2 são apontadas as ações dos alunos durante os momentos de autoexclusão às margens da quadra de aula.

Quadro 2. Quem não participa:

	Escola 1	**Escola 2**
Mexe no celular	3	11
Faz relatório	0	7
Não faz nada/sentado	21	12
Vai para sala de aula	1	0
É direcionado para coordenação	1	3
Brinca de vôlei	1	2
Não responderam	1	14

Fonte: dados da pesquisa (2019).

> [...] ficam sentado olhando a turma fazer. Se o professor observa que ele não está prestando atenção, o professor faz perguntas a ele e pede relatório de tudo (aluno 2 – escola 1)
>
> Ficam mexendo no celular, tirando fotos e entram nas redes sociais para bate-papo (aluno 19 – escola 2)

Em ambos os cenários pesquisados, há alunos que não participam das aulas, com uma maior incidência na Escola 1, uma vez que na Escola 2, segundo os alunos o professor não permite que alunos fiquem de fora. Os alunos que não participam nas duas escolas ou não fazem nada (33) ou ficam mexendo no celular (14). Mariano; Miranda e Metzner, (2017) observaram situação semelhante em estudo realizado sobre a falta de motivação de alunos do ensino médio. Os autores afirmam que é comum encontrar alunos sem fazer nada, mexendo no celular, etc. Nesses casos, tanto no estudo de Mariano Miranda e Metzner, (2017) quanto nas ações do professor da Escola 2, observa-se um aparente descaso dos professores em relação à não participação dos alunos.

O uso de relatório como instrumento de avaliação para validar a não participação do aluno também foi identificado na Escola 2. Muitos docentes recorrem a essa prática, justificando que pelo menos dessa maneira o discente está participando da aula (ZILBERSTEIN, 2014). No quadro a seguir são representadas algumas percepções dos alunos em geral sobre as aulas de Educação Física.

Quadro 3. Sobre a percepção da aula de Educação Física, os alunos:

	Escola 1	**Escola 2**
Legal	22 alunos	33
Animada	19 alunos	20
Interessante	2 alunos	1
Sem importância	1 aluno	9
Difíceis	Nenhum aluno	1

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

No que se refere ao "clima" das aulas de Educação Física, os alunos em sua maioria acham as aulas legais e animadas. Muitas vezes é durante a aula o único momento em que é permitido conversar, rir e se divertir. Tal sentimento fortalece o estudo realizado por Darido (2004) em que os alunos também consideraram as aulas legais (aproximadamente 80%), no Ensino Fundamental II. Porém, diverge, ao observar os alunos da Escola 2, há mais alunos desmotivados, descrevendo suas aulas como "sem importância" (aproximadamente 20%). Especula-se que a razão para os alunos julgarem não ser importante o componente curricular Educação Física esteja relacionado com o papel que ela ocupa na escola, quando faltam professores, os alunos são mandados para a quadra, o aluno pode faltar, não fazer as aulas que no conselho de classe vai ser aprovado.

Outro fator que contribui com a desmotivação dos alunos é aprendizagem das modalidades esportivas (MOREIRA et al., 2017), principal conteúdo das aulas da Escola 2 conforme é apresentado no quadro 4, a seguir:

Quadro 4. Os conteúdos abordados nas aulas de Educação Física são:

	Escola 1	**Escola 2**
Esportes	18	32
Jogos	12	8
Exercícios	3	26
Teoria	9	20
Outros	5	1
Nenhum	1	4
Não responderam	1	1

Fonte: elaborado pelos autores.

De acordo com Darido (2001) os professores ainda elaboram suas aulas baseados na tendência esportivista, em que os conteúdos são mais voltados à modalidades basquete, futebol e voleibol. Tais conteúdos são expostos aos alunos sem objetivos, isto é, de forma despretensiosa, numa visão não aprofundada

sem transmitir conhecimento para o aluno. Silva e Sampaio (2012) fizeram a análise de 24 estudos publicados em de revistas científicas da área para identificar qual eram os conteúdos mais trabalhados no Ensino Fundamental, os autores constataram que nas séries iniciais ainda há uma variedade de conteúdos, além dos esportivos, em contrapartida nas séries finais o esporte é hegemônico, indicando uma monocultura corporal.

Na Escola 1, o conteúdo mais visto é o esporte, seguido pelo jogo. É o que nos reforçam Rosário e Darido (2005, p.172):

> Mesmo com os professores que procuram diversificar e aprofundar seus conteúdos, o esporte ainda é o principal conteúdo da Educação Física. Os jogos, que também foram apontados por todos, normalmente trazem elementos desses esportes tradicionais, e mesmo sendo denominados de recreativos, cooperativos, lúdicos ou infantis em sua maioria não deixam de ser pré-desportivos. Ou seja, quando a aula não trata do esporte propriamente dito, os jogos são tratados com vistas ao esporte.

Na Escola 2, além dos esportes, os alunos apontaram os exercícios físicos e as chamadas "aulas teóricas", nas quais o professor passa um texto no quadro, ou dita o mesmo, buscando muitas vezes, mudar o seu status que seu componente curricular ocupa na escola. Segundo Silva e Pires (2012) para os alunos na escola existe uma hierarquia de saberes escolares, sendo que a Educação Física ocupa espaço no rol das disciplinas não sérias, pois, não exercitam a dimensão intelectual, com as atividades realizadas fora da sala de aula, nas quadras e ginásios.

A hegemonia do conteúdo esportivo pode ser um dos fatores que levam a autoexclusão pois os alunos deixam de participar das aulas por não possuírem as habilidades motoras necessárias para o sucesso no jogo e por possivelmente serem alvo de "chacota" diante dos outros alunos mais habilidosos (MOREIRA et al., 2017). Em ambas as escolas, verifica-se a autoexclusão, ou seja, a maioria dos alunos que a fazem, alegam problemas de saúde e ficam apenas observando as aulas, sem interrompê-las, e não são cobrados por isso. Guimarães et al., (2001) na sua pesquisa voltada à formação de atitudes cotidianas durante as aulas de Educação Física constatou, em um estudo de caso, que um ou dois alunos regularmente não participavam das aulas e ao serem questionados, informavam estar com alguma dor, mas o que se percebeu é que estavam receosos de serem hostilizados por errarem, ou ainda, por não estarem animados para tais aulas. Na presente pesquisa, um aluno apresentou uma representação semelhante, ou seja, não consegue se "enturmar", devido a sua falta de habilidade, ficando de fora das aulas.

> *Por problema de saúde (aluno 7 – escola 1)*
>
> *N*ão conseguia jogar daí eu não me enturmava muito (aluno 16 – escola 1)
>
> *Por conta de desânimo, ou de um problema físico (aluno 27 – escola 1)*
>
> *N*ão estava muito bem de saúde, estava com gripe *(aluno 1 – escola 2)*
>
> *Quando eu estava com muita dor (aluno 7 - escola 2).*

Quando questionados como mudar essa situação, idealizando como seria a sua aula de Educação Física, os alunos das Escolas 1 e 2, desejam aulas mais animadas, uma melhor comunicação com os professores, conteúdos diferenciados, tais como: dança (contemporâneas, batalhas de rap), esportes radicais, lutas e ginásticas. Essas aulas teriam menos teoria e mais prática, pois, segundo esses alunos a aula de Educação Física, é um dos poucos momentos, fora o intervalo, em que é possível ficar em pé, andar, correr, ou seja, se movimentar.

Ela teria horário para aulas teóricas e práticas; nas práticas dividiria os dias de jogar bola, jogar vôlei, queimada e um dia para conversar com os alunos (aluno 2 – escola 1)

> Que o professor pudesse trazer experiências novas (aluno 4 – escola 1)
>
> Com dança, música, etc. (aluno 7 – escola 1)
>
> Com batalha de rap (aluno 16 - escola 1)
>
> Iriamos para a praça pelo menos uma vez no mês (aluno 1- escola 2)
>
> Seria mais prática e menos teórica (aluno 13- escola 2)

Nesse viés, estudos apontam é que muitos profissionais de Educação Física têm encontrado dificuldades em aproximar e contextualizar a teoria vivida nas universidades e colocá-las em prática na sala

ou quadra de aula (GUIMARÃES; SILVA; MIRALLIA, 2014; BETTI; ZULIANI, 2002; DARIDO et al, 1999), para construção de conteúdos sustentados na práxis pedagógica do professor. Ou seja, a teoria tem se mostrado como um castigo para alguns alunos, e, por vezes distantes das possibilidades de intervenções eficazes diante do contexto da Educação Física Escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar este estudo é possível afirmar que a autoexclusão é um fenômeno existente na Educação Física escolar. Os alunos motivados (ou desmotivados) por aulas repetitivas, desprazer em práticas esportivas isoladas e mecanizadas, desigualdade de gênero, exclusão dos menos hábeis utilizam de desculpas como "estou com cólicas", "tenho gripe" para não realizarem as atividades práticas propostas e os professores pouco fazem para mudar essa situação.

Especula-se que provavelmente por não ter prática (experiência) em alguns conteúdos da cultura corporal de movimento, os professores limitam-se e não exploram ou extrapolam as possibilidades do componente curricular Educação Física, colocando-se dessa maneira em um ciclo vicioso. Para mudar essa situação, conhecer os alunos e seus interesses, seria uma boa alternativa para trazê-los para o contexto das aulas de Educação Física e evitar a autoexclusão, inclusive incentivá-los a gostar e vivenciar cotidianamente hábitos salutares e práticas corporais diversas.

Outras pesquisas que tenham como objeto de estudo a autoexclusão nas aulas de Educação Física precisam ser feitas. Uma vez que diante das incursões realizadas no decorrer do estudo, acreditamos na possibilidade do professor transformar essa realidade por meio de uma práxis pedagógica inovadora, atrativa e democrática, instrumentalizando suas ações rumo a mudança de postura e resgatando os alunos que ficam as "margens da periferia" da quadra de aula.

REFERÊNCIAS

BETTI, M.; ZULIANI, L.R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.1, n.1, p.73-81, 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** 2017. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 02/10/2018.

DAOLIO, J. Educação Física Escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educação Física**, supl. 2, p.40-42, 1996.

DARIDO, S.C. et al. Educação Física No Ensino Médio: Reflexões e Ações. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.5. n. 2, p. 138-145, 1999.

DARIDO, S.C. Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física escolar**, v.2, n.1, p.5-25, 2001.

DARIDO, S.C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.18, n.1, p.61-80, 2004.

EUSSE, K.L.G.; ALMEIDA, F.Q.; BRACHT, V. Cultura corporal e expresiones motrices: sobre a educação física no Brasil e na colômbia. **Movimento**, v.23, p.689-700, 2017.

FIGUEIREDO, Z.C.C. Experiências sócio corporais e formação docente em educação física. **Movimento**, v.14, n.1, p.85, 2008.

FONSECA, J.J.S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GUIMARÃES, A.A.; et al. Educação física escolar: Atitudes e valores. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.7, n.1, p.17-22, 2001.

GUIMARÃES, D.C.B.; SILVA, G.R. da; MIRALLIA, K. O descaso dos alunos do ensino médio com as aulas de Educação Física. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v.18, n.189, 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd189/o-descaso-com-as-aulas-de-educacao-fisica.htm> Acesso em: 05 março 2019.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: Edusp. 1986.

MARIANO, G.S.; MIRANDA, J.L.; METZNER, A.C. Fatores que levam ao desinteresse dos alunos do ensino médio em participar das aulas de Educação Física. **Revista Educação Física UNIFAFIBE**, v.5, n. 1, p.7-18, 2017.

MOREIRA, C.H. et al. Motivação de estudantes nas aulas de Educação Física: um estudo de revisão. **Corpoconsciência,** v.21, n.02, p.67-79, mai./ago, 2017

OLIVEIRA, R.C.; DAOLIO, J. Na "periferia" da quadra: Educação Física, cultura e sociabilidade na escola. **Pro-Posições**, v.25, n.2, p.237–254, 2014.

PAULA, W.M.; BAPTISTA, T.J.R. O esporte como conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física em uma escola de Anápolis: um estudo de caso. **Kinesis**, v.34, p.51-69, 2016.

PINTO, F.M.; VAZ, A.F. Sobre a relação entre saberes e práticas corporais: notas para a investigação empírica do fracasso em aulas de educação física. **Educação & Realidade**, v.34, p. 261-76 n.2, 2009.

ROSÁRIO, L.F.R.; DARIDO, S.C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz,** v.11, n.3, p.167-178, 2005.

SEDORKO, C.M.; FINCK, S.C.M. Senses and meanings of sport practice in the context of school Physical Education. **Journal of Physical Education**, v.27, p.1-10, 2017.

SILVA, A.C. da; PIRES, G.L. A relação teoria e prática na Educação Física escolar: um constante desafio em questão. In: **Anais**.... II CONGRESSO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA, 2012, Florianópolis. Ed. UDESC, v.1, p.1521-1532, 2012.

SILVA, J.V.P. da; SAMPAIO, T.M.V. Os conteúdos das aulas de Educação Física no Ensino Fundamental: o que mostram os estudos? **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.20, p.106-118, 2012.

SOARES, C.L. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA JUNIOR, M. et al. Coletivo de autores: a cultura corporal em questão **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.33, n.2, p.391-411, abr./jun. 2011.

ZAIM-DE-MELO, R.; FERRAZ, O.L. O professor de Educação Física e o novo ensino médio. **Motriz**, v.13, p.86-96, 2007.

ZILBERSTEIN, J. **A participação nas aulas de Educação Física do ensino médio do Colégio de Aplicação da UFRGS: o que pensam as alunas e os professores de Educação Física**. 2014. Monografia de graduação. UFRGS, Porto Alegre, 2014.

Grupo de Estudos em Cultura Lúdica, Circo e Educação Física – CLUCIEF
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus Pantanal
Unidade I, Av. Rio Branco, 1270
Bairro Universitário
Corumbá/MS
79304-902